



COMUNICAÇÃO ORAL E MEDIAÇÃO DE LEITURA: Formando leitores autores

GT1 – Cultura, informação e sociedade.

Modalidade da apresentação: comunicação oral

SANTOS, Brenda Barbosa dos.

Resumo: O presente trabalho trata-se de aspectos do fortalecimento da comunicação oral em uma sociedade digital através da mediação de leitura. O objetivo principal foi mostrar a importância de se estimular a comunicação oral por meio de intervenções e projetos de atividades ligadas à leitura. Neste trabalho foram abordados os conceitos de comunicação, leitura e mediação. A metodologia se constitui de uma revisão bibliográfica acrescida de uma atividade prática desenvolvida em uma disciplina do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação, baseada na iniciativa Biblioteca Humana. Por meio das análises obteve a importância de estimular as formas de comunicação e como esta pode estar associada a formação leitora do indivíduo quando feita através de mediação de leitura. Por fim, conclui-se que colocar os indivíduos como autores e contadores das próprias histórias é efetivo para desenvolver a oralidade, gerando discussões sobre temas pertinentes e livros que estão sendo mediados, além de ser uma forma de criar o senso de identidade e aproximação ao romper com o paradigma que as histórias estão apenas nos livros.

Palavras-chave: Comunicação Oral. Mediação de Leitura. Biblioteca Humana.

ORAL COMMUNICATION AND READING MEDIATION: Forming Author Readers

Abstract: The present work deals with aspects of the strengthening of oral communication in a digital society through mediation of reading. The main objective was to show the importance of encouraging oral communication through interventions and projects related to reading. In this work the concepts of communication, reading and mediation were discussed. The methodology consists of a bibliographical review plus a practical activity developed in a course of Librarianship and Information Science, based on the Human Library initiative. By means of the analyzes, it has gained the importance of stimulating the forms of communication and how this can be associated with the reading formation of the individual when done through reading mediation. Finally, it is concluded that placing individuals as authors and accountants of the stories themselves is effective in developing orality, generating discussions on pertinent topics and books being mediated, as well as being a way of creating a sense of identity and approximation to the break with the paradigm that the stories are only in the books.

Keywords: Oral communication. Mediation of Reading. Human Library.

1 INTRODUÇÃO

A grade atual (vigente desde 2013) do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar apresenta a disciplina Leitura e



Cultura¹ como uma das matérias do terceiro período, visando proporcionar aos graduandos reflexões sobre as práticas de leitura a partir de diversos aspectos. Como trabalho final da disciplina foi proposto pela Prof^ª. Dra. Luciana Gracioso, que ministrou as aulas durante o primeiro semestre de 2018, a criação de um projeto de intervenção para ser desenvolvido em um espaço informal de atuação, aplicando os conceitos abordados com o objetivo de realizar uma ação cultural com ênfase nas práticas e incentivo a leitura.

O presente texto baseia-se no projeto que foi desenvolvido e na experiência dos alunos ao realizar uma atividade, que além de caráter acadêmico apresentou aspectos relacionados à atuação profissional do bibliotecário. A intervenção foi realizada no La Casa – Conveniência, um estabelecimento da cidade de São Carlos que promete ser um local para música, poesia, literatura e diversão, e é frequentado por um público na faixa dos 25 anos de idade. A sugestão de local partiu de alunos que frequentam e já haviam realizado outros trabalhos sobre o estabelecimento. O projeto proposto por um dos grupos para esse espaço, considerando seu público e abordagem foi uma prática de Biblioteca Humana, que será abordada no decorrer desse texto, acrescida de mediação de leitura ao final. Para planejar e desenvolver a atividade houve a necessidade de realizar uma revisão da literatura acerca da comunicação, formação leitora e mediação de leitura para compreender mais sobre o cenário da leitura no Brasil e como se dá a formação do leitor, para assim, estabelecer objetivos e elaborar um projeto coerente e efetivo.

As pesquisas foram feitas para buscar compreender como se dá o processo e as ações de mediação de leitura com o público adulto, para entender as relações existentes com o processo de comunicação e como esses conceitos podem se complementar e fundamentar iniciativas que além de contribuir com a formação deste leitor, podem melhorar ou criar outras habilidades no público, como a oralidade em um contexto dominado pela comunicação escrita por conta das novas tecnologias. Neste ponto, tem-se o levantamento sobre questões relacionadas a autoria e as concepções de autor.

¹ OBJETIVOS: fornecer subsídios teóricos aos alunos para que eles possam compreender algumas práticas de leitura, considerando os seguintes aspectos: o modo como o autor veio se constituindo na história da leitura; as relações entre as representações culturais (suportes, tipologias, gêneros, conteúdos, etc.) e os modos de ler; a história das bibliotecas e dos mediadores da leitura; os leitores. EMENTA: relações teóricas, sob o ponto de vista de aspectos da História, entre as práticas de leitura e suas diversas manifestações culturais. As historicidades das práticas entre: autores, mediadores da leitura, e a constituição dos leitores.



2 FORMANDO LEITORES AUTORES

2.1 Os processos comunicativos

A comunicação é um processo intrínseco ao ser-humano desde os primórdios, mas que até hoje não apresenta uma conclusão efetiva sobre a origem desse processo, que pode ter começado com a emissão de sons (gritos, grunhidos) ou pela utilização de gestos, ou ainda através da combinação de ambos. Entretanto, o que se propaga é que o indivíduo encontrou na comunicação uma forma de interagir com a sociedade, a partir da possibilidade de relacionamento com outros indivíduos ou pela busca de conhecimento. A comunicação é fundamental ao indivíduo também no momento de externalizar suas experiências e percepções de mundo, que por muito tempo aconteceu apenas através da oralidade, para Rocha e Silva (2007, p. 118) a oralidade, essa forma de comunicação mais simples e direta que o sujeito social possui, garante aos excluídos, às classes populares, uma forma de expressão. Pode-se ver exemplos desta transmissão de conhecimento oral no que se referem às tradições de muitos povos que passavam os ensinamentos e histórias através da oralidade, transmitindo e manifestando também sua cultura, em algumas sociedades essas tradições posteriormente foram transcritas ou escritas e em outras se perderem no decorrer da História ou estão vivas apenas com seus membros.

Já a sociedade atual, no entanto, está cada vez mais repleta de tecnologias, que evoluem com grande velocidade, como os *smartphones* que hoje são vistos como indispensáveis para a comunicação. Muitos brasileiros passam grande parte do tempo interagindo com a sociedade informacional e com os demais indivíduos através do mundo digital, onde a forma de comunicação predominante é a escrita, ou seja, para participar e acompanhar as tecnologias desse mundo, em suma, deve-se estar lendo ou escrevendo o conteúdo. Sendo assim, a comunicação através da escrita ganha ênfase, mas não a escrita em si, enquanto a comunicação oral vai perdendo o foco até mesmo em espaços de descontração e situações cotidianas.

Entretanto, o fato de uma forma de comunicação estar sendo priorizada, não significa que sua essência - a escrita, está sendo aprimorada, afinal no caso do Brasil ainda existem 11,8 milhões de analfabetos (IBGE, 2017). Outro aspecto considerável, é que devido a falta de atenção para a comunicação oral e foco na comunicação escrita por meio dos aplicativos de mensagens e e-mails, observamos na atividade desenvolvida no La Casa- Conveniência que os indivíduos as vezes acabam apresentando dificuldades em desenvolver conversas e contar histórias coerentes, simplesmente pela falta de prática e incentivo. O desafio é conseguir despertar para a leitura uma geração quase entorpecida pela comunicação em meio digital (FAILLA, 2016, p.20).

2.2 Formação leitora e o papel da mediação

No início do século XX o livro impresso passou de fato a permear a sociedade brasileira, segundo El Far (2006, p.08) “As novas tecnologias, que possibilitaram o barateamento da impressão e a produção em larga escala fizeram do livro um produto atrativo e acessível a uma parcela cada vez maior da sociedade brasileira” desde esse período a questão sobre o Brasil ser ou não um país de leitores passou a ser levantada e permite questionamentos até os dias de hoje.

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro em 2016, define como leitor, aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses. Para Paiva (2014) o leitor se forma ao longo da vida, em interação constante com o universo natural, cultural e social em que vive. Ambas as considerações apresentam suas inconsistências uma por não considerar os aspectos exteriores e outra por dissociar o leitor da leitura, no entanto isso ocorre devido a própria dificuldade em se estabelecer uma definição para leitura.

Seria preciso, então, considerar a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido (MARTINS, 1982 p.30).

O apontamento de levantado por Martins se difere de outros por ser abrangente e por sair do tradicional que aborda a leitura somente uma decodificação de símbolos, a se torna contemporâneo por não associar a leitura especificamente um suporte. Desse modo, podemos considerar que a todo momento estamos realizando a leitura, seja de diferentes tipos textos, gestos, ações e do mundo ao nosso redor. No entanto, quando se trata da principal forma de leitura, aquela realizada através dos livros Faila coloca que: “Ler não é tarefa fácil para quem ainda não foi “conquistado” e é impraticável para quem não compreende aquilo que lê” (FAILLA, 2016, p.21). Para tocar os indivíduos e fazer desses futuros leitores, os processos e iniciativas que integram a formação leitora são o ponto chave. Dentre esses, um que acaba tendo destaque são os mediadores de leitura e as atividades de mediação.

Os mediadores de leitura são aquelas pessoas que estendem pontes entre os livros e os leitores, ou seja, que criam as condições para fazer com que seja possível que um livro e um leitor se encontrem. A experiência de encontrar os livros certos nos momentos certos da vida, esses livros que nos fascinam e que nos vão transformando em leitores paulatinamente, não tem uma rota única nem uma metodologia específica; por isto os mediadores de leitura não são fáceis de definir (REYES, 2014).

Ao contrário do que as vezes é tomado como verdade, os mediadores não estão apenas nas escolas, eles podem estar em diversos espaços, pois a mediação não tem idade e também



não é exclusiva de um ambiente, deve portanto, atender aos mais diversos públicos. E nesse aspecto temos uma das diferenças entre o ato de realizar uma mediação comparado ao de simplesmente indicar um livro, “a mediação deve levar em conta fatores extrínsecos e intrínsecos, relativo ao objeto, ao sujeito e ao agente da leitura: o texto, o leitor e o mediador” (BARROS, 2006, p.17). Devido a necessidade de considerar diversos fatores para realizar uma mediação que de fato possa impactar na formação leitora do indivíduo, os mediadores acabam sendo professores, bibliotecários e contadores de histórias, pois essa prática vai além do que se mostra e exige conhecimentos sobre Leitura, Cultura, Comunicação e Literatura, para assim atingir o público da forma mais adequada, fazendo adaptações sempre que necessário. E essa é outra particularidade da mediação: o fato de conhecer e entender o público.

A mediação de leitura pode ocorrer por meio de diversas práticas e com os mais variados objetivos, seja uma contação de histórias, um sarau, através de exposições, conversas cabe ao mediador buscar a melhor forma de se tornar a ponte abordada por Reyes, para colocar em contato livros e leitores, ou como propôs Raganathan (1931) a cada leitor seu livro, a cada livro seu leitor. E assim fazer com que os objetos de leitura cheguem de fato aos leitores, ou os leitores a esses objetos.

2.3. Pessoas também têm histórias – Biblioteca humana

No ano de 2000 em Copenhague, os irmãos Ronni e Dany Abergel, junto de seus amigos Asma Mouna e Christoffer Erichsen desenvolveram um projeto para o Roskilde Festival, um festival de música pop que é administrado por uma sociedade sem fins lucrativos que promove o desenvolvimento da música, cultura e humanismo. O projeto é denominado *Menneskebiblioteket*, ou como é traduzido para português “Biblioteca Humana”. Foi um evento que durou cerca de oito horas, durante os quatro dias de festival e colocou em contato diversas pessoas de origens e ideais diferentes para conversar e contar suas histórias sobre temas que são pouco retratados e quebrar paradigmas e estereótipos.

A motivação nasceu após um colega do grupo ter sido esfaqueado, com o objetivo de conscientizar e sensibilizar através de iniciativas educativas as pessoas sobre a violência, então Ronni, Danny, Asma e Christoffer se uniram formando o *Stop The Violence – Chega de Violência*. E assim mobilizaram diversos jovens até receberem a proposta de um dos organizadores do festival para desenvolverem um projeto no evento. Após o evento, Ronni Abergel, começou a trabalhar ainda mais na ideia e fundou a Organização Biblioteca Humana e percorrendo vários locais para difundir a ideia de tornar as pessoas os próprios livros, detentores de histórias sobre os mais diversos assuntos e enquanto por meio de conversas um lia os outros.



Hoje no site² da organização podemos encontrar todo o seu histórico, como participar e organizar eventos e principalmente os “livros” que estão disponíveis. As histórias contadas por essas pessoas compreende a uma recriação do passado, uma manifestação social da oralidade, ou seja, se organiza a partir dos princípios desta, em uma espécie de veículo social que os grupos acionam para reforçar suas identidades (ACEVES LOZANO, 1998 *apud* SILVA, 2013 p.420).

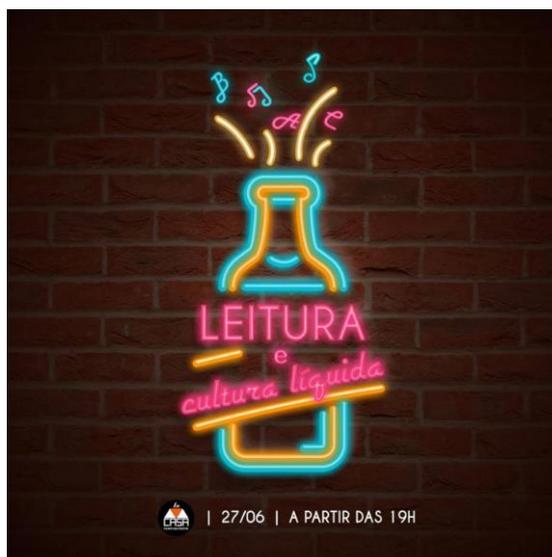
Essa atividade é um exemplo de como os projetos criativos, que envolvem aspectos da comunicação e impactam na formação leitora do indivíduo, já que tratamos a leitura como algo que não restringe ao texto escrito, além desta metodologia valorizar também a própria pessoa como autora e protagonista, enfatizando que as histórias e consequentemente a leitura, não está só nos livros. Por fim a Biblioteca Humana pensada por Ronni Abergel, ainda está de acordo com a visão de Failla (2016) que a leitura é libertadora e promove o protagonismo no acesso ao conhecimento e à cultura.

Após as considerações, estudos e debates realizados na disciplina de Leitura e Cultura o grupo baseando-se na ideia de Biblioteca Humana criada pelos amigos dinamarqueses apresentados anteriormente, adaptou e desenvolveu a atividade a fim de atender os objetivos da disciplina e principalmente para se adequar ao ambiente, que seria um bar, e ao público que frequenta este estabelecimento.

A atividade foi desenvolvida no Bar e Conveniência La Casa, e intitulada de “Biblioteca também é humana”, com a intenção de reduzir os estereótipos e o ideal de biblioteca como somente um amontoado de livros. Como seriam diversas apresentações e intervenções na mesma noite foi criado um evento chamado “Leitura e Cultura Líquida”, que faz referência ao nome da disciplina a qual pertenciam os projetos, ao fato da atividade ser realizada em um bar, mas principalmente ao livro “A Cultura No Mundo Líquido Moderno” do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, que foi tema de algumas das discussões realizadas durante a disciplina.

² Link para o site da fundação Biblioteca Humana <http://humanlibrary.org/>

FIGURA 1 - *Cartaz de divulgação do evento*



Fonte: Página da disciplina no Facebook³

Por conta do ambiente que a atividade seria desenvolvida, o público alvo torou-se universitários, jovens e demais que frequentadores do bar, ou seja, um público predominantemente adulto, que na maioria das vezes estão distantes dos espaços tradicionais para a troca de informações e ações culturais, como por exemplo, as bibliotecas. Desse modo, a atividade permitiu também divulgar que a atuação do bibliotecário não se restringe a somente este espaço, quebrando pré-conceitos, mas também os convidando a visitar e conhecer os produtos e serviços que uma biblioteca pode oferecer.

Após essa contextualização, apresentamos a atividade em si. “Biblioteca também é humana”, consiste em uma prática de biblioteca humana, onde o interagente deverá contar uma história, sobre um determinado tema dentro de um tempo estabelecido. O objetivo é coloca-lo no papel de autor/contador de histórias para desconstruir o ideal que as histórias estão apenas em livros e também trabalhar aspectos da comunicação oral. Através desta atividade é possível também realizar mediação de leitura, trabalhar interação entre o grupo, promover exercícios de fala e escuta, além de propor um resgate de memórias. Tais aspectos são importantes para a formação do indivíduo e do leitor, principalmente quando este é um adulto inserido no mundo das tecnologias e na agitação do cotidiano, onde em muitos casos, ações consideradas simples como lembrar um fato e exteriorizar de forma concisa e coerente acabam se tornando dificultosa devido à falta de prática e estímulo.

³ Link da página Leitura e Cultura no Facebook: <https://www.facebook.com/Leitura-E-Cultura-Bci-Ufscar-741394589363603/>

Ao realizar essa prática de Biblioteca Humana em um bar com o tema “História de Infância”, apresentando ao final a proposta da atividade e sugestões de dois livros: “O caçador de pipas” - *Khaled Hosseini* e “O menino no espelho” - Fernando Sabino, os objetivos foram os de trazer o tema proposto a partir de diferentes perspectivas, no primeiro livro o personagem principal acaba revivendo memórias de sua infância durante a trama, e no segundo o autor faz uma espécie de autobiografia relatando de maneira simples e fantasiosa fatos de sua infância. O tema “História de Infância” foi selecionado por contemplar todos do local, afinal todos já foram crianças e têm histórias desse momento para contar. Ainda é um tema abrangente que requer um resgate de memórias, podendo também despertar as mais diversas emoções em quem está contando ou ouvindo. Os livros selecionados para serem apresentados posteriormente abordam o tema a partir de outras perspectivas que rompem com o ideal que a infância está ligada apenas ao público formado por crianças, pois são livros que mesmo trazendo aspectos dessa fase da vida em sua trama são destinados a um público com maturidade e com experiências literárias anteriores, e assim é possível adequar o tema conforme a faixa etária e o contexto do público trabalhado. Por fim, outro objetivo era o de estimular a comunicação através da fala e enfatizar que todos podem ser autores e compartilhar histórias, seja real ou fictícia, através da escrita ou da oralidade. Para que a atividade fosse possível, foram necessários alguns materiais como, por exemplo: cronômetro, celular ou *tablet* para mostrar a capa dos livros. Optou-se por mostrar somente a capa do livro e em formato digital por meio do celular, pela informalidade e agilidade da ocasião, mas ressaltou-se que era possível encontrar ambos em formato digital ou na Biblioteca Comunitária⁴ e que há filme de uma das indicações.

Em relação aos aspectos práticos e metodológicos para a execução dessa iniciativa, adotou-se uma abordagem através da atuação em trio ou em dupla, para não intimidar o público e assim realizar uma abordagem mais informal, apresentando os membros dizendo (nome, curso, disciplina) para começar a criar a aproximação com o as pessoas, para propor e inicialmente descrever como funcionaria a dinâmica da atividade. E ao final, explicar o objetivo da proposta e indicar os livros selecionados, e assim, promovendo e mediando o debate e discussões geradas.

⁴ A Biblioteca Comunitária conhecida como BCo é a biblioteca da Universidade Federal de São Carlos que atende aos universitários e também a comunidade da cidade.



2.5. Resultados

Conforme o grupo circulava pelas mesas do bar e a atividade ia se desenvolvendo, a proposta tornou-se enriquecedora tanto para quem estava mediando, quanto para quem se dispôs a participar. Observou-se que uma proposta que foi apresentada da mesma forma despertou interesses diferentes conforme as pessoas que participavam, já que se baseava em um exercício de compartilhar através da oralidade momentos que as pessoas viveram, fazendo com que contassem suas próprias histórias, ou seja, histórias das quais também foram autores. Ao todo a atividade foi desenvolvida em quatro mesas/grupos do estabelecimento, dessa forma foram quatro experiências completamente diferentes, onde em uma das mesas alguns rapazes resolveram contar suas histórias através de rimas e em ritmo de *rap*, em outra mesas alguns participantes se sentiram inibidos inicialmente, mas após a participação de amigos quiseram contar também, outras pessoas participaram da atividade e logo depois propuseram a mesma dinâmica para que estava mediando e até mesmo a para Professora que acompanhava o trabalho dos grupos.

Neste ponto, notou-se que o público era predominantemente composto por jovens do sexo masculino, e que o tom e o teor das histórias variava conforme a facilidade dos participantes em recapitular as lembranças e expressar de forma coesa dentro do tempo determinado pela atividade. Essa variação, além dos diferentes aspectos socioculturais daqueles que estavam no bar, influenciavam nos caminhos da atividade, exigindo muita atenção dos mediadores para adequar os objetivos aos interesses dos participantes. Alguns grupos demonstraram maior interesse nas histórias dos livros e perguntaram mais sobre, outros gostaram do objetivo da atividade e quiseram continuar conversando sobre a importância de momentos conversação numa sociedade tão apegada ao celular e outros eletrônicos, enquanto em algumas mesas a história de um dos participantes reativou a lembrança de ouvintes e se tornou o assunto principal, fazendo com que contassem aos demais suas histórias sobre dado tema conforme a conversa fluía.

Por fim, após estimular a comunicação oral por primeiramente fazer as pessoas contarem uma história que através da fala, desenvolve também outros aspectos cognitivos aspectos cognitivos já que esta deveria ser pensada e expressada dentro do tempo estabelecido, e também por propor debates e conversas seja pela importância da comunicação oral, reflexões de como as pessoas são repletas de histórias e acerca dos materiais escolhidos para serem mediados. Já para quem estava aplicando atividade, após uma grande densidade de conteúdos escutados ficou perceptível a importância de como o fato dos futuros profissionais conhecerem seus usuários pode influenciar no desenvolvimento das ações e que esse



conhecimento deve ser considerado para a elaboração de projetos, seja em bibliotecas ou outros campos de atuação.

4 CONCLUSÕES

Todos os temas tratados nesse trabalho partiram dos objetivos e discussões realizadas na disciplina de Leitura e Cultura do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Universidade Federal de São Carlos no primeiro semestre de 2018, sob a condução da Profa. Dra. Luciana Gracioso. A princípio, questões sobre a comunicação na sociedade atual foram levantadas, trazendo a tona o problema da falta de comunicação oral devido o vínculo das pessoas com o meio digital, onde a forma escrita é o meio principal de comunicação. Com essas considerações percebe-se que mesmo com o grande uso da comunicação escrita devido aplicativos de mensagem e outras ferramentas do mundo digital, o Brasil continua sendo um país com grande taxa de analfabetismo, fato que influencia diretamente nos hábitos de leitura, ou seja, há falhas nas duas formas de comunicação.

Esses fatores somados a falta de incentivo a leitura, considerando que se trata de um processo que está além da decodificação de símbolos, e que pode influenciar na formação leitora do indivíduo, que acaba perdendo oportunidades de exercer sua plena cidadania, pois apresenta déficit em ambas formas de comunicação. Um ponto importante para esse distanciamento do leitor é a falta de identidade e conhecimento dos materiais, neste aspecto os mediadores são peças fundamentais para realizarem pontes entre os objetos de leitura e os leitores, por deterem conhecimentos específicos e realizarem atividades adequadas, que estimulem em especial a leitura, mas que também desenvolva habilidades da fala, criatividade e interação na sociedade. Como exemplo da associação de todos esses conceitos há a Organização Biblioteca Humana, a qual serviu como inspiração para atividade final realizada por um grupo da disciplina de Leitura e Cultura.

A atividade foi realizada em um bar e exigia que as pessoas contassem histórias de sua infância dentro de um tempo estabelecido e ao final era apresentado o objetivo da proposta, o de estimular a comunicação oral e de colocar as próprias pessoas como autoras e contadoras de histórias, para quebrar o paradigma que as histórias existem apenas nos livros, sugerindo que o leitor também pode ser autor. Após isso, foram apresentados livros com a mesma temática como sugestões de leituras, gerando também mais discussões. Tal experiência de propor uma intervenção foi elaborada considerando o local e público que o frequenta, exigindo que fosse uma atividade dinâmica. Por fim, compreendeu-se também a importância do bibliotecário deter conhecimentos teóricos para planejar e desenvolver atividades voltadas



a leitura, para conseguir atuar em vários espaços e adequar as ações conforme as exigências e necessidades do público.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2013

BARROS, Maria Helena T. C. de. **A mediação de leitura na biblioteca**. São Paulo: FA, 2006.

EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

FAILLA, Zoara. **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Sextante, 2016.

HUMAN LIBRARY. **About the human library**. Disponível em: < <http://humanlibrary.org/about-the-human-library/>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

IBGE. **Analfabetismo cai em 2017, mas segue acima da meta para 2015**. 2018. Disponível em: < <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21255-analfabetismo-cai-em-2017-mas-segue-acima-da-meta-para-2015.html>>. Acesso em: 18 jul.2018.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 2016. Disponível em: < http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf>. Acesso em: 18 jul.2018.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?**. São Paulos: Brasiliense, 1982.

OLIVEIRA, Vínicius de. **Biblioteca Humana**. 2016. Disponível em: < <http://porvir.org/biblioteca-humana-quer-voce-deixe-aparencias-de-lado/>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

PAIVA, Jane. **Neoleitor**. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: < <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/neoleitor> >. Acesso em: 18 jul.2018.

REYES, Yolanda. **Mediadores de leitura**. Bogotá, 2014. Disponível em: < <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/mediadores-de-leitura>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

ROCHA, N. J.; SILVA, K. C. R.. Oralidade - e o povo sobrevive na sua fala reinventada. *Comunicação & Informação*, v. 10, n. 1, p. 114-125, 2007. DOI: 10.5216/c&i.v10i1.10346

SILVA, E. T. **Leitura e realidade brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

SILVA, L. A. P. História oral, história de família: perspectivas teórico-metodológicas na pesquisa em comunicação. *Em Questão*, v. 19, n. 2, p. 415-431, 2013.